

## Entre o Medo e a Realidade: Temáticas Raciais no Horror de Jordan Peele<sup>1</sup>

Luccas Pinheiro LOPES<sup>2</sup>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

### RESUMO

O presente trabalho busca analisar a forma que o diretor Jordan Peele utiliza o gênero cinematográfico horror para compor narrativas protagonizadas por pessoas negras. O projeto compreende que Hollywood buscou uma diversidade maior em suas obras audiovisuais após a manifestação que ocorreu na maior premiação de cinema norteamericana, chamada #OscarsSoWhite, criticando o excesso de indicações e premiações para pessoas brancas. Jordan Peele exibe em 2017 *Corra!*, desde então procura quebrar com a hegemonia branca utilizando o horror como ferramenta para realizar debates sociais. Para analisarmos as obras do diretor utilizamos principalmente conceitos dos autores Noel Carrol (1999), Achille Mbembe (2016), Adilson Moreira (2019), Bell Hooks (2019) e Lewis R. Gordon (2022).

**PALAVRAS-CHAVE:** cinema; horror; hollywood; raça; Jordan Peele.

### TEXTO DO TRABALHO

O cinema de Hollywood é dominante em grande parte do mundo, inclusive no Brasil. Com muitas das salas de cinema brasileiras sendo ocupadas por filmes norte-americanos, Gimenez e Rocha (2018, p.95) constata que “83,9% do público dos lançamentos foi para os filmes dos Estados Unidos”. Desse modo, por ser um veículo que atinge grandes massas, o cinema hollywoodiano gera milhões, ou bilhões com seus *blockbusters*. Por isso, é importante salientar como os filmes norte-americanos estão vivos no imaginário brasileiro. Principalmente sobre como esses filmes afetam as vidas das massas. Dessa forma, torna-se necessário observar o que essas obras retratam em suas narrativas e o que elas representam.

É preciso ressaltar o gênero do horror, que não é misterioso somente dentro das salas de cinema, pois, carrega seu mistério para fora das telas também. Consegue trazer grandes públicos para assistirem aos seus medos encarnados em histórias exibidas numa

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Cinema, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestrando no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, email: [lucas.lplopes@gmail.com](mailto:lucas.lplopes@gmail.com).

---

sala escura. Nós “queremos olhar de frente nossos piores medos, num ambiente seguro e controlado, com a devida distância da narrativa fictícia, mas também com o completo envolvimento que as imagens em movimento provocam” (Bahiana, 2012, p. 14). Segundo a pesquisa realizada pela UCLA – University of California Los Angeles – o gênero de horror é o quarto gênero mais assistido nas salas de cinema, empatado com animação (Ramón, 2022, p. 11). Fica atrás de comédia, drama e ação.

Encontramos no mundo cinematográfico *mainstream* norte-americano pouquíssimos personagens não-brancos como protagonistas. Pesquisa da UCLA revela que no ano de 2022 apenas 22% dos protagonistas de Hollywood eram pertencentes a grupos pertencentes a minorias (Ramón, 2022, p. 17). Ao pensar na realidade do Brasil, vale ressaltar que a população brasileira tem em sua maioria pessoas negras ou pardas<sup>3</sup>, grupo étnico pouco representado nos filmes norte-americanos. Adilson Moreira em *Racismo Recreativo* (2019) desenvolve em seu texto como produtos audiovisuais que projetam personagens negros podem apresentar estereótipos que não condizem com a realidade. Tais produtos contribuem para a manutenção de imagens negativas sobre as minorias globais. Tendo isso em mente, o brasileiro que pouco se enxerga nas grandes telas ainda corre o risco de encontrar personagens que reproduzem visões pejorativas sobre si.

Bell Hooks articula em sua obra, como a televisão e o cinema são importantes ferramentas de ensino sobre o mundo, influenciando a consciência política dos espectadores “certamente, uma vez que muitas pessoas vivem em ambientes racialmente segregados, elas aprendem sobre raça e racismo na TV” [...] “a televisão além de ser um produto de entretenimento, também é um meio de difusão de ideologias e de bolhas de consciência” (Hooks, 2019, p. 118). Quando pessoas negras são excluídas ou representadas de maneiras negativas, o cinema e a televisão contribuem para a manutenção do racismo.

Este primeiro contato sobre questões raciais vir a partir da televisão e do cinema abre espaço para a criação de imagens que não condizem com a realidade para evitar com que pessoas negras criem uma consciência crítica sobre quem os ataca e de quem eles devem se proteger. O autor, Lewis R. Gordon, ao discutir como ocorreu a invenção do

---

<sup>3</sup> A população negra e parda somadas constam com 55,9% da população brasileira, segundo o IBGE. Acesso em: [IBGE | Cidades@ | Brasil | Pesquisa | PNADC - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua | Acesso à Internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal](#)

---

conceito de superioridade da raça branca cristã argumenta “o fato de o mundo euromoderno questionar a humanidade de muitos grupos populacionais induz estes últimos a questionar: ‘Será que somos humanos?’. Isso leva à pergunta: ‘O que é um ser humano?’. E também: ‘O que significa ser humano?’ ” (Gordon, 2022, p. 106).

Gordon levanta que a consciência racial é política, e de como a consciência Negra se preocupa em realizar mudanças e melhorias de vida para sua população “a consciência Negra está vinculada à construção de um futuro melhor. Essa é a busca pela libertação. Uma vez que a libertação requer uma mudança radical de sociedade, poderíamos também chamá-la de revolução” (Gordon, 2022, p. 204). Portanto, a importância de construir uma consciência crítica permite ao espectador entender quais imagens ou representações são positivas ou negativas, e assim, escolher quais obras e pensamentos irá reforçar.

Bell Hooks entende que a inclusão de pessoas negras em um elenco, por si só, não significa que a representatividade foi alcançada. Esta presença ainda pode reproduzir pensamentos que remetem à branquitude. Mesmo quando as pessoas pertencentes à grupos marginalizados alcançam o poder, não significa que irão ir contra o pensamento da branquitude. Hooks defende que “essa declaração é um sinal de nosso fracasso cultural em entender que a mera escalação de personagens negros em um filme não garante que o filme vá trabalhar, seja de forma velada ou ostensiva, para minar o racismo ” (2023, p. 141).

Ao longo da história do cinema muitos cineastas vistos como progressistas tiveram seu alcance reduzido, pois desafiavam a branquitude e os estereótipos que o espectador comum estava acostumado a assistir. Tais cineastas terão seu alcance reduzido “até que tanto a mente dos colonizadores quanto a dos colonizados tenham sido descolonizadas, espectadores em culturas supremacistas brancas terão dificuldades de ‘ver’ e entender imagens de negritude que não se conformem ao estereótipo” (Hooks, 2023, p. 138).

Jordan Peele em outros momentos da história poderia ser visto como mais um cineasta negro progressista, mas ele consegue quebrar essa lógica com filmes que desafiam a hegemonia da branquitude. Peele se preocupa em apresentar protagonistas negros, sejam homens ou mulheres, que fogem dos estereótipos, do senso comum e são donos de suas próprias histórias. O diretor parece entender que “para que esse tipo de trabalho possa ser valorizado, é preciso também que se ensine uma nova estética do olhar aos espectadores” (Hooks, 2023, p. 138).

O filósofo Lewis R. Gordon questiona como a palavra poder é constantemente utilizada, mas poucas vezes definida. É importante pensar o que é o poder, já que este trabalho busca discutir como a representatividade é importante e quando minorias alcançam o poder, não necessariamente desafiam o status quo. Gordon define poder como a “capacidade de fazer alguma coisa acontecer, com acesso aos meios para implementá-la” (2022, p. 192). Peele desafia aos cineastas de Hollywood e sua lógica de como “personagens negros podem ser construídos cinematograficamente de maneira a se tornarem porta-vozes de pressupostos e crenças racistas” (Hooks, 2023, p. 141).

Em 2015, houve uma manifestação popular online contra a maior premiação cinematográfica de Hollywood, Oscar, chamada *#OscarsSoWhite*. O público criticava a falta de indicados e vencedores negros. No ano seguinte, Jordan Peele lançou seu filme *Corra!* (2017) e assim recebeu diversas indicações e prêmios em diferentes festivais de cinema.

Os filmes de Jordan Peele apresentam consciência crítica<sup>4</sup> e racial a partir do momento que possuem pessoas negras lutando contra diferentes formas de opressão em prol de sua sobrevivência. Ao longo do texto serão explicitados o tema que cada filme aborda.

Em entrevista<sup>5</sup> Jordan Peele declarou que escreveu seu primeiro filme *Corra!* (2017) por estar incomodado com a forma que o debate sobre racismo estava se dando na sociedade naquele momento. O horror é bastante utilizado para materializar momentos de tensão histórica, assim como Carrol discute: “observa-se com frequência que os ciclos de horror surgem em épocas de tensão social e que o gênero é um meio pelo qual as angústias de uma era podem se expressar” (Carrol, 1999, p. 290). Peele acredita que o gênero do horror é o mais capaz de atingir os sentimentos das pessoas, sobretudo, o que a negritude sente no dia a dia. O produtor considera que o cinema tem o poder de trazer histórias e debates sobre um olhar específico, principalmente sobre o olhar do protagonista do filme. Assim, conquista a empatia das pessoas que assistem ao induzi-las a pensar nas temáticas

---

<sup>4</sup> Bell Hooks, em sua obra, *Anseios: Raça, gênero e políticas culturais*, nomeia consciência crítica a capacidade de alguém de criticar a cultura, entender quem se beneficia e quem é prejudicado, pensando além da raça, considerando também gênero e sexualidade.

<sup>5</sup> <https://www.cinemablend.com/movies/things-jordan-peele-has-said-about-making-his-groundbreaking-horror-movies-ahead-of-nope>. Acesso em 26 de Junho de 2024.

raciais. O horror atinge o imaginário do ser humano, e atinge os medos de forma individual.

São poucos os filmes com protagonistas negros que alcançam grandes públicos. Desde *Blacula* (1973) que foi um dos filmes com maior bilheteria no *Blaxploitation*, até filmes transpostos de quadrinhos, como *Black Panther* (2018) com 1,3 bilhão de dólares de bilheteria<sup>6</sup>. Jordan Peele, não só conseguiu alcançar um grande público como conquistou espaço em premiações relevantes para a indústria de Hollywood.

Após o sucesso de *Corra!* (2017), Peele pôde produzir e dirigir mais obras cinematográficas. Como: *Nós* (2018), *A Lenda de Candyman* (2019) e *Nope* (2022). Em todos esses filmes, é possível observar um elemento em comum, o diretor utiliza do gênero horror para apresentar temáticas sociais e raciais. Embora utilize o horror, o diretor não projeta as personagens negras de maneira pejorativa, e não aponta o grupo como um problema da sociedade. Portanto há a inversão do vilão, dos estereótipos, onde quem se torna o vilão é a branquitude racista.

Jordan Peele traz um cinema que foge de estereótipos e expõe o racismo em situações rotineiras, de maneira metafórica e complexa. Ele, junto do gênero do horror, faz filmes criativos que buscam gerar uma conscientização racial, sempre com personagens principais negros sendo os heróis de suas próprias histórias. O produtor abandona os *White saviors*<sup>7</sup> que temos em diversos filmes até mesmo em *Pantera Negra* (2019).

Por essa razão, este trabalho busca analisar a filmografia *live action* de horror do roteirista, diretor e produtor executivo Jordan Peele. Ou seja, pretende-se compreender os elementos e artifícios que o cineasta utiliza para apresentar temáticas raciais por meio do gênero cinematográfico horror.

De acordo com o documentário *Horror Noire: A História do Horror Negro* (2019), que aborda a participação de pessoas negras nos filmes de horror dentro do período de 1930 até 2019, os personagens negros eram apresentados de maneira rasa, sem vontades ou desejos, ou seja, comumente projetados para servir aos personagens brancos. A obra audiovisual utiliza termos como *Negro Mágico* e *Sacrifício Negro* (*Magical Negro*

---

<sup>6</sup> [https://www.boxofficemojo.com/title/tt1825683/?ref=bo\\_se\\_r\\_1](https://www.boxofficemojo.com/title/tt1825683/?ref=bo_se_r_1). Acesso em 26 de Junho de 2024.

<sup>7</sup> Jordan Peele no documentário *Horror Noire: A History of Black Horror* (2019), discorre que não queria nenhum *White Savior* nos seus filmes. Que são os personagens brancos que salvam o dia no final do filme. Por exemplo, o agente Ross no filme *Pantera Negra* (2018) que impede que a nave com armamentos saia de Wakanda.

e *Sacrificial Negro* no original), nomenclaturas para definir estereótipos cinematográficos de personagens negros. A produção fílmica ainda aborda como pouquíssimos filmes fugiam dessas regras ao ter protagonistas ou personagens negros.

Noel Carroll (1999) ao criar definições do gênero do horror, ele separa a definição do gênero com o sentido do afeto. Situações horrorosas do dia a dia são diferentes de observar um monstro que causa horror em um filme. Ele chama de horror natural a reação a situações chocantes e horror artístico às situações que se referem ao gênero do horror e sua definição do senso comum. Nos seus filmes, Peele materializa medos reais, “horror natural”, através de suas narrativas de horror artístico.

Em *Corra!* (2017), o horror do filme é o desconforto causado por estar em um ambiente majoritariamente de pessoas brancas, desconforto esse sentido por pessoas negras, na narrativa do filme. Por conta da história de como foi dada a criação dos subúrbios, *Corra!* (2017) começa sua história em um subúrbio branco, onde o personagem interpretado por Lakeith Stanfield é sequestrado. Revelando o medo que esses subúrbios passam para pessoas negras. O filme também representa o medo de perder a posse de seu corpo, de sua história e de sua mente. A lógica descrita na obra *Necropolítica* de Achille Mbembe pode ser aplicada aos medos retratados nesta obra:

De fato, a condição de escravo resulta de uma tripla perda: perda de um “lar”, perda de direitos sobre seu corpo e perda de status político. Essa perda tripla equivale a dominação absoluta, alienação ao nascer e morte social (expulsão da humanidade de modo geral). Para nos certificarmos, como estrutura político-jurídica, a fazenda é o espaço em que o escravo pertence a um mestre. (Mbembe, 2016, p. 131)

Os subúrbios dos Estados Unidos foram construídos com o intuito de realizar uma segregação espacial entre pessoas brancas e negras. Richard Rothstein (2017) em sua obra, *The Color of Law*, traz um panorama histórico sobre a construção dos subúrbios e guetos nos Estados Unidos, a segregação racial na habitação foi um projeto nacional do governo federal no século XX, implementado por líderes liberais, e não apenas uma iniciativa do sul dos EUA. O autor ainda diz que não foi resultado de uma única lei, mas de várias leis, regulamentos e práticas governamentais que criaram guetos urbanos negros cercados por subúrbios brancos. Durante esse período de construção e reformas urbanas, as pessoas foram alocadas e realocadas de suas moradias, onde espaços que inicialmente foram pensados para pessoas brancas tiveram pessoas negras expulsas. Um líder de

---

Miami do período “explicou aos administradores federais que os locais foram escolhidos para ‘remover toda a população negra’ de lugares que tinham sido reservados para a ocupação de brancos” (Rothstein, 2017, p. 21).

O filme representa o medo da perda de lar, perda de direitos sobre seu corpo e perda de status político através dos personagens negros de Daniel Kaluuya e Lakeith Stanfield. Chris, Daniel Kaluuya, tem seu corpo leiloado para um dos clientes de seu sogro. Seu corpo e sua mente serão trocados pelo do comprador que tinha o objetivo de usar seus olhos novamente para fazer arte. Se Chris não consegue fugir de seu destino, toda sua arte e conquistas não seriam suas, seriam de seu comprador. Seu lar, não seria seu, seu corpo não seria mais seu. Sua cidadania seria removida por não poder lutar a favor do que acredita. Mbembe define isso como uma morte tripla, uma pessoa em condição de escravo hoje assume outras narrativas, indo além do imaginário de um escravo. O filme traz a luz situações onde as pessoas não são donas de suas próprias decisões, através de analogias.

Em *Nós* (2019), o horror do filme pode ser interpretado como a desigualdade social. Pode ser interpretado que o filme critica a campanha beneficente *Hands Across America*, no início do filme vemos a propaganda dessa campanha que se torna horripilante às lentes do diretor. A campanha buscou arrecadar fundos para assistir pessoas mais pobres, mas foi considerada um fracasso por não atender aos valores de doação prometidos<sup>8</sup>.

Ao longo da história essa campanha é ressignificada. Ao mesmo tempo que existia essa campanha, também existiu, na história do filme, um projeto que ocorreu durante a guerra fria com o intuito de clonar pessoas e as controlar a partir de seus clones. Após o fim da guerra fria o projeto foi abandonado, conseqüentemente abandonando as pessoas que viviam no subterrâneo, chamadas de “Amarrados” (*Tethered* no original), que foram deixadas para morrer. A personagem Red, interpretada por Lupita Nyong’o, batalha com seu clone para ter espaço na superfície e poder se alimentar e ter uma vida confortável novamente. A briga dessas personagens pode ser interpretada pela ótica de Achille Mbembe (2016, p. 123) em como “matar ou deixar viver constituem os limites da soberania, seus atributos fundamentais. Exercitar a soberania é exercer controle sobre a mortalidade e definir a vida como a implantação e manifestação de poder. ”

---

<sup>8</sup> [Hands Across America Was A Failure | Cracked.com](https://www.cracked.com/story/0053266-hands-across-america-was-a-failure/). Acesso em 7 de outubro de 2024.

---

A *Lenda de Candyman* (2021), de Nia DaCosta, mesmo não sendo dirigido por Jordan Peele, ele atua como produtor executivo nesta obra, esse filme se enquadra nesta onda de filmes longa-metragem *live action* de horror do diretor. Filme este que se preocupa em representar um problema social através do gênero, com isso, aborda o tema da gentrificação social, que atua no apagamento da história através de reformas urbanas, assim, expulsa pessoas de renda mais baixa, isto significa, convidar pessoas com mais poder aquisitivo, por consequência, apagando a história das pessoas que viveram ali.

Nia DaCosta da vida novamente ao projeto de habitação social chamado *Cabrini Green Homes*, que tinha o intuito de abrigar pessoas com menor poder aquisitivo foi descontinuado rapidamente pela falta de infraestrutura dos prédios, os levando a ser demolidos<sup>9</sup>. A população que vivia nessas habitações foi obrigada a encontrar outro lugar para viver. *A Lenda de Candyman* (2021) também tem como tema a memória e perpetuação de uma história. A motivação do monstro *Candyman* é encontrar seu sucessor para que sua história possa ir adiante. Diferentemente de vilões de filmes *slasher* onde muitos não possuem uma motivação clara para matar as pessoas, *Candyman* se preocupa com sua história ser perpetuada, uma vez que foi morto por supremacistas brancos no período em que a escravidão norte-americana estava acabando. Seu espírito busca não somente vingança, mas que sua história seja lembrada. Muitas pessoas que morrem em suas mãos no filme foram as que desrespeitaram sua história, acreditando fortemente que ele não existiu, invocam o espírito chamando seu nome cinco vezes à frente de um espelho e acabam por serem assassinadas pelo espírito vingativo. Por coincidência, muitas de suas vítimas são pessoas brancas.

Em *Não, não olhe!* (2022), o horror é a indústria do entretenimento. Ao mesmo tempo que cria algo novo, destrói algo antigo. Madelynn E. Woodard (2022) aponta em sua dissertação como a história dos cowboys negros, indígenas e latinos foi apagada dos filmes de faroeste para criar a narrativa do cowboy branco.

Existem dois arcos no filme que servem como exemplo: o personagem interpretado por Steven Yeun, Jupe, presenciou uma tragédia quando criança, por isso, na fase adulta quis replicar essa mesma estrutura de espetáculo que também resulta em tragédia; e também a família do protagonista interpretado por Daniel Kaluuya, O.J. ,

---

<sup>9</sup> [De Chicago a Nápoles: o fracasso de dois grandes projetos de habitação social | ArchDaily Brasil](#). Acesso em 7 de outubro de 2024.



passam por dificuldades após a morte do pai, que era tataraneto do homem negro que conduziu o cavalo na primeira imagem em movimento, de tal forma que sofrem em manter o negócio da família que perde cada vez mais clientes e cada vez mais cavalos por conta da crise e do monstro voador do filme.

Nas duas histórias o passado é ignorado: um pelo próprio produtor, Jupe, que subestima o animal que tentava transformar em espetáculo e ter lucro com suas apresentações; e a outra é como os clientes de O.J. param de contratar sua empresa, indiretamente enterrando a história de Alistair E. Haywood, personagem fictício para criar uma história do jóquei que conduz o cavalo na primeira imagem em movimento gerada por Eadweard Muybridge.

Observando esse grupo de quatro filmes com a participação de Jordan Peele, percebe-se os temas de apagamento histórico e medo de perder a autonomia sobre o próprio corpo como recorrentes. O encarceramento de pessoas negras sem provas junto de projetos sociais após a abolição da escravidão separa a sociedade em dois mundos: os que conseguem comer e os que passam fome; os que podem viver e os que devem morrer; na medida em que a indústria do espetáculo apaga a história das pessoas negras. Peele transforma o horror natural do cotidiano, de acordo com a definição de Noel Carroll (1999), em horror artístico para contar suas histórias, com a preocupação de manter viva, ou relembrar, histórias reais. Assim, percebe-se a importância do diretor para o cinema de horror atual.

## REFERÊNCIAS

BAHIANA, Ana Maria. **Como ver um filme**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

CARROL, Noel. **Filosofia do Horror ou Paradoxos do Coração**. São Paulo: Papirus, 1999.

GIMENEZ, Fernando Antonio Prado; ROCHA, Daniela Torres da. **A presença do filme nacional nas salas de cinema do Brasil: um estudo sobre a codistribuição**. São Paulo: Galaxia (São Paulo, online), 2018.

GORDON, Lewis R. **Medo da Consciência Negra**. Tradução de José Geraldo Colto. 1.ed. São Paulo: Todavia, 2022.

HOOKS, Bell. **Anseios: raça, gênero e políticas culturais**. Tradução de Jamille Pinheiro. São Paulo: Elefante, 2019. E-book.

HORROR noire: A History of Black Horror. Produção de Ashlee Blackwell. Pensilvânia: Stage 3 Productions, 2019. Blu-ray (1h 23min)

MBEMBE, Achille. Necropolítica: biopoder soberania estado de exceção política da morte. **Arte & Ensaios**, n. 32, dez. 2016.

MOREIRA, Adilson. **Racismo Recreativo**. São Paulo: Pólen, 2019.

RAMÓN, Ana-Christina. **Hollywood Diversity Report 2023**: Exclusivity in progress Part 1: Film. California: UCLA Entertainment & Research Initiative, 2023.

ROTHSTEIN, Richard. **The color of law**: a forgotten history of how our government segregated America. New York: Liveright Publishing Corporation, 2017. E-book.

WOODARD, Madelynn Elizabeth. **The Cowboy Conundrum**: An Examination of Representation Within the Western Film Genre. Orientador: Matthew Hashigushi. 2022, 27 f. Tese (Graduação) - Georgia Southern University, Geórgia. Versão digital. Disponível em: [digitalcommons.georgiasouthern.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1809&context=honors-theses](https://digitalcommons.georgiasouthern.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1809&context=honors-theses). Acesso em: 28 de junho de 2024.